

## O Ofício do Filósofo Estóico, o duplo registro do discurso da Stoa

Rachel Gazolla

Por Thiago de Oliveira Barbalho

O livro de Rachel Gazolla, que faz parte da coleção “Leituras Filosóficas”, promovida pelas Edições Loyola, antes de qualquer tese específica da filosofia estóica, defende uma nova leitura do estoicismo antigo. A partir das fontes doxográficas, Gazolla tece uma interpretação dos principais conceitos estóicos que os isola de todos os maus-olhos da tradição ocidental, a qual mais se tem preocupado com apontar incoerências no estoicismo grego do que em reconhecer o quanto desse pensamento ainda carregamos em nossas características, sejam elas filosóficas ou práticas. Não obstante, o livro não está preocupado com as idéias estóicas em relação à modernidade, mas é exatamente esse o seu mérito: a obra consiste numa leitura centrada tão somente nas informações mais antigas sobre a doutrina em questão. Diógenes Laércio é uma das referências mais freqüentes no texto de Gazolla, mas estão presentes também todos os autores que Johannes Von Arnim reuniu naquela que é considerada a obra primordial para qualquer pesquisa minimamente séria sobre o estoicismo grego: o *Stoicorum Veterum Fragmenta* – sem tradução em língua portuguesa, vale salientar.

Além de trazer à tona os fragmentos para o leitor brasileiro, *O Ofício do Filósofo Estóico*, ao reconhecer os limites das interpretações sobre suas fontes, traça um esclarecimento pioneiro em língua portuguesa sobre fundamentais conceitos gregos da *Stoa* que influenciaram a filosofia pós-helenística, tais como *lógos* e *phýsis* – que, na falta de termos mais apropriados, podemos momentaneamente traduzir, respectivamente, por “lei” e “natureza”. E isso é mais do que reunir fragmentos

de textos arcaicos. É, enfim, reestruturar os fragmentos estoicos numa unidade que recompõe um autêntico sistema filosófico.

A partir da articulação e da relação entre os textos originais, o livro explora a noção do *lógos* no seu aspecto humano: é dada bastante atenção ao problema da ação moral e das paixões dentro do âmbito dos ensinamentos éticos estoicos.

Há no livro uma perspectiva histórica que situa a *Stoa* no mundo grego em que os valores haviam se dissolvido – na época em que escolas fechadas de filosofia se consolidaram, isoladas do cotidiano das praças públicas. Nessa situação, o estoicismo legitima não mais os valores de uma sociedade, mas a autarquia como princípio de ação humana e como vínculo do homem com o cosmo. Assim, uma relação originária é pensada entre o homem e a *phýsis*, relação esta em que o homem se nota dentro do sentido (*lógos*) da realidade cósmica. É aí que o *lógos* exerce o seu papel: os estoicos pensam então numa lei natural expressa nos homens como manifestação imediata da *phýsis*. Em contrapartida, o *nómos* seria a elaboração “artificial” (feita com o labor humano) de normas.

Com isso, outra dificuldade surge e é tratada pela autora: a cisão entre o campo humano e o campo cósmico. Gazolla detêm-se então nesse dualismo entre “totalidade cósmica” – onde entram as questões da física, da ética e da lógica –, e a “totalidade histórica” – elaborada pelas particularidades humanas e suas ações no mundo –, procurando provar que tais dualidades não são incoerências dentro do sistema estoico, e sim dois patamares de uma mesma temática ontológica.

Frente a essa dificuldade, Gazolla declara que o discurso estoico possui um duplo registro – e assim se esclarece o subtítulo do livro. O discurso da *Stoa* é totalmente perpassado pelo registro do caráter divino e humano do mundo, pelo *lógos* totalizante e pela ação moral enquanto constituinte dessa totalidade, pela *phýsis* abarcadora e pela sua expressão peculiar enquanto racionalidade (*lógos*).

O cosmos tem inúmeras maneiras de se manifestar em nós. Participamos de sua lógica por via de nossas necessidades tanto quan-

to de nossas ações. O humano e o divino é um só o tempo todo. Contudo, pode-se ou não viver de acordo com esse todo, na aceitação ou não de suas maneiras e de suas lutas naturais. Uma vida em desacordo com a *phýsis* se debate contra o irrecuperável, contra aquilo que o cosmos conspira a favor tal qual uma necessidade lógica do universo. Tudo participa desse jogo, mas há, sem dúvida, uma vida mais sábia do que outras (um tipo de sabedoria por excelência, já que essa vida se identifica com o todo em harmonia). O sábio é o que é porque, como diria Heráclito, ouve o *lógos* e aceita sua ordem.

É nesse trabalho sobre o caráter cósmico e ético das ações, sobre o divino no homem, que os estóicos fundaram um novo ponto de partida para avaliar a ação humana – e Rachel Gazolla reconhece esse ponto –, dando-lhe atenção central ao longo do livro. É uma análise não apenas do caráter físico-histórico das decisões humanas, mas também do seu caráter ontológico. Fundem-se, com isso, o campo do sensível com o do representativo.

Ora, se o sensível é tido como instância da física e da lógica (já que os estóicos vêem o mundo como um todo cheio de corpos em constante contato), tem-se que a ordem do fazer estará intrinsecamente ligada à do conhecer: a ação se liga à representação, o movimento dos corpóreos se conecta ao juízo moral. A partir das sensações, surgem as representações e, com isso, a racionalidade encontra sua *hylé*: a reflexão e a valoração dadas na representação chegam à matéria mesma dos corpos através das ações que esses processos representativos engendram, porque as ações humanas geralmente se dão a partir de um processo intelectual de decisão e, portanto, de racionalidade. É ao refletir e discernir sobre suas representações que a vida do sábio se dá de acordo com a racionalidade, instância humana do *lógos*.

Outro ponto relevante para desmistificar o modelo estóico de vida é o fato de que esse modelo consiste num modo de exercício de existência, e não num ideal que devesse ser alcançado mais à frente. O modo de vida estóico se faz no exercício constante do *lógos* manifesto no homem. Dito de outro modo, a vida sábia, segundo o estoicismo, é aquela que, ao aceitar o *lógos*, assume seus laços com a *phýsis*

e afirma-se em cada ato através de sua capacidade representativa e racionalizante.

É por toda essa elucidação dos problemas da doutrina estoíca grega e por despir tais aporias de qualquer discriminação e mesmo de toda a interpretação tardia que tende a esquecer suas bases fisiológicas, que *O Ofício do Filósofo Estoíco* constitui leitura relevante tanto no estudo da filosofia antiga quanto no esclarecimento de uma filosofia arcaica que inaugura pensamentos em vigor até nas reflexões filosóficas mais modernas.